

S.O.S. poesia

O projeto *S.O.S. Poesia*, da dupla Dirk Vollenbroich e Renato Rezende, sem alterar em nada a programação interna do MAR – Museu de Arte do Rio ou a estrutura de sua fachada (numa intervenção pública que o curador Paulo Herkenho chama de ‘extracúbica’), propõe um uso inusitado, original e poético de sua arquitetura (como já zeram na cidade do Rio de Janeiro em 2011 com o Projeto MY HEART IN RIO, no Oi Futuro de Ipanema), ampliando seu leque de ação e visibilidade, chamando a atenção de novos públicos e engajando

a população noturna do entorno. Se, por um lado, o código Morse é uma linguagem universal relacionada ao mar e às regiões portuárias em todo o mundo, linguagem essa que poeticamente vem aludir à necessidade de comunicação e afeto, a[¹SEP]um pedido de socorro; por outro a poesia (e esse fenômeno é notado em todo o mundo, especialmente no Brasil), embora diversi cada e potente, tem perdido espaço no debate público cultural, o que[¹SEP]é evidenciado pela falta de interesse do mercado editorial em suas produções e pelo minguante espaço que recebe em feiras, festivais e periódicos literários.[¹SEP]O projeto *S.O.S. Poesia*, trabalhando em certo registro nostálgico de uma região portuária em pleno processo de modernização, metaforizada pela linguagem do código Morse, potencializa e a rma, de forma sensível, a sobrevivência da poesia e da tradição carioca em formas e linguagens intrínsecas à arte contemporânea. Podendo ao mesmo tempo ser compreendido como um poema em campo ampliado, *S.O.S. Poesia* é um trabalho de arte pública, de fácil e imediata interação com o espectador,

embora exigindo dele um esforço de leitura para além do espetáculo, que promove e atualiza um diálogo entre a arquitetura do século passado e a tecnologia do presente, dando uma dimensão poética, inclusiva e a rmativa às transformações que estão sendo promovidas e vividas pela região do porto do Rio de Janeiro e por todos nós, seus habitantes.

Emitidos em código Morse durante a noite, os poemas selecionados por Renato Rezende são legíveis em *streaming* em tempo real no site do MAR, acessado[¹SEP]via QR code e em *delay*, lembrando que todo poema é sempre uma tradução, um desencontro, uma busca e, no limite, um mal-entendido. Um dos elementos do trabalho (como a luz e a arquitetura), os poemas que fazem parte de *S.O.S. Poesia* evidentemente representam apenas uma pequena parte do enorme universo da poesia brasileira contemporânea, e todos os autores estão vivos e habitam o Rio[¹SEP]de Janeiro. Os critérios de seleção foram afetivos (amigos que acompanham o poeta desde sua chegada na cidade, como Caio Meira, Cláudio Oliveira e Cláudia Roquette-Pinto), incluindo também veteranos e novíssimos (como Afonso Henriques Neto e Heyk Pimenta), poetas com forte relação com as artes visuais[¹SEP]ou formas não convencionais de fazer poesia (Gab Marcondes, André Sheik e Alexandre Sá) e poetas que militam pela poesia e cultura carioca (como Sergio Cohn e Guilherme Zarvos), sendo que muitos preenchem mais de um desses quesitos, e todos representam todos – para ser poeta, basta se emocionar/ somos todos poetas.

mar extracúbico

S.O.S. Poesia inaugura o programa *MAR Extracúbico*, que compreende as experiências e projetos de arte que rejeitam a noção moderna de galeria para exposições como um “cubo branco”. Na experiência moderna, os espaços para exposição de arte tenderam a não ter ornamentos e a adotar a ortogonalidade da arquitetura, paredes brancas e iluminação como o espaço ideal para a arte. O crítico Brian O’Doherty lançou o conceito de “cubo branco” a partir de observações sobre o modo de funcionamento dos processos de institucionalização da arte, de sua circulação no mercado e de sua idealização, frequentemente isolando-a dos embates com a realidade.

O *MAR Extracúbico* propõe abrigar experiências e projetos que demandam uma apresentação para além dos limites físicos e institucionais de suas próprias galerias de exposição no formato do “cubo branco”, daí o termo *extracúbico*. Entre as questões implicadas no *MAR Extracúbico* estão as dimensões das obras, as relações com seu edifício e modos de explorá-los, com o espaço público (tais como rua, escolas, fábricas, comunidades, edifícios comerciais, empenas etc.) com a dinâmica da cidade e em lugares específicos (*site specific*). Alguns artistas deste programa são Maria Nepomuceno, Solon Ribeiro, Afonso Tostes, o grupo Astrofocus, Lúcia Koch, o costarriquense Federico Herrero, a americana Kara Walker, o austríaco Erwin Wurm, Georges Adéagbo do Benin, os portugueses Pedro Cabrita Reis, João Louro, e outros. Alguns trabalhos do Grupo Empreza e Vhils já apresentados no MAR, e o projeto *S.O.S. Poesia*, de Renato Rezende e Dirk Vollenbroich, que apresentam uma ação com a iluminação do pavilhão de exposições, se enquadram no conceito de extracúbico.

paulo herkenhoff